

Raízes profundas na cidade que viu nascer

DF-Brasília
039
Reportagem 0006

Arquivo pessoal



NA PRIMEIRA
PARADA DE SETE DE
SETEMBRO DE
BRASÍLIA, GERALDO
COMANDOU O
DESTACAMENTO
POLICIAL

RAQUEL FLORES GARCIA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Ele participou do primeiro desfile de Sete de Setembro, no Eixão Sul, durante o governo João Goulart, em 1962. Mas não como um mero espectador. O hoje coronel reformado da Polícia Militar do Distrito Federal, Geraldo Silva, de 76 anos, na época era primeiro-tenente R2 de Infantaria do Exército e comandou o destacamento policial na primeira parada em comemoração à Independência do Brasil. Essa não foi, porém, a primeira importante missão de Geraldo na cidade. Em 21 de abril de 1960, participou do policiamento da inauguração de Brasília.

Naquele dia, eram sete horas da manhã quando Geraldo se colocou a postos para comandar o pelotão da Guarda Especial de Brasília (GEB) durante o desfile que teria início às nove, também no Eixão Sul. Foi ali que as tropas do Exército e dos Fuzileiros Navais — ambas vindas a pé, de Salvador e do Rio de Janeiro respectivamente — prestaram homenagem à mais nova capital do país. “Pouca gente sabe desse detalhe de que a tropa vinda de Salvador era uma homenagem da primeira capital do Brasil a Brasília,

lia, e a que veio do Rio de Janeiro, da segunda capital”, revela.

Além do comando, Geraldo conseguiu tempo para fotografar o momento histórico, com direito a uma feliz coincidência. Segundo ele, exatamente na hora em que passou pelo palanque das autoridades, o presidente Juscelino estava lendo o jornal baiano *A Tarde*. Um mês e meio depois, Geraldo voltou à terra natal, a Bahia, e teve esta foto publicada.

Na véspera do desfile de inauguração, na noite de 20 para 21 de abril, Geraldo lembra que testemunhou outro fato da história,

também captado pela lente de uma máquina fotográfica (só que desta vez não pertencente a ele): o choro de JK durante a missa oficiada pelo cardeal Cerejeira, de Lisboa, legado papal, na Praça dos Três Poderes, junto ao Supremo Tribunal Federal. “À meia-noite, o Papa João XXIII abençoou Brasília direto de Roma, com a voz dele”, recorda um dos fundadores do Cursinho de Cristandade, movimento católico de que até hoje participa.

É na linha religiosa, por sinal — no exemplo do patriarca Abraão, que deixou a terra natal para ir aonde Deus o havia de-

signado, cita Geraldo —, que o fervoroso militar embasa parte da explicação de sua vinda para a nova capital. Afinal, ele trocou a administração de cinco fazendas de cacau do tio João Silva, em Ilhéus (BA) — “em uma época de plena riqueza na região cacaueira” — e um carro do ano (De Soto) para trabalhar aqui. “Quem está com Deus não tem medo de assombração”, diz com firmeza.

De Brasília, garante, “sabia zero, só notícias da construção”. Mesmo assim, acatou a sugestão do amigo general Eduardo de Carvalho Chaves para participar

da formação da Polícia Militar Federal (GEB). Isto significava a perspectiva de uma carreira, segundo avalia. Por isso, no final de 1959, o Geraldo cacauicultor entregou as fazendas a um gerente devidamente preparado e, em 17 de abril de 1960, às dez horas, aterrissou no aeroporto da capital para se apresentar ao comandante da Guarda Especial de Brasília (GEB), general Osmar Soares Dutra. Ele veio de Belo Horizonte, a bordo de um Constellation da Panair.

Para falar sobre a importância de haver pertencido àquela instituição, mostra com orgulho o discurso feito 21 anos após a inauguração de Brasília, publicado no livro *História da Polícia Civil de Brasília*, em 1998. “Seria a GEB uma sigla apenas? Acredito que não. Quem lhe deu vida foram os seus integrantes, vindos por um chamamento telúrico, por uma convocação que vinha de longe... Algo como um toque de reunir, no Planalto Central, para muitos que tinham ainda sua vocação em aberto, capazes de assumirem e realizarem, com pioneirismo, uma obra ciclópica, como foi a construção de Brasília”, escreveu Geraldo por ocasião do 1º Reencontro dos Gebianos, quando ainda era capitão.

PIONEIROS

O militar trocou a vida de fazendeiro, na Bahia, para fazer carreira na Polícia Militar do Distrito Federal. Aqui foi responsável por organizar a 1ª Guarda de Trânsito da cidade

Transferência

Outra missão encabeçada por Geraldo Silva, nos primeiros anos de Brasília, foi a transferência da Cidade Livre para diversos destinos, conforme o critério da época. Uma operação, recorda o então comandante do destacamento, que acabou não sendo concluída devido à renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961. Somente para a Asa Norte, ainda desabitada, eram mais de cinco mil barracos a serem transferidos, contabiliza Geraldo. Todos nomeados e com cujos donos ele conversou para convencê-los a mudar, procurando assim evitar o uso de força bruta. “Ninguém queria ir para lá porque não tinha freguesia”, relembra. “E o que era para ser um grande centro de esportes, da metade da cidade de madeira que ficou, restou o hoje Núcleo Bandeirante”, conclui.

A vasta experiência de Geraldo com policiamento acabou por colocá-lo à frente de um novo desafio profissional: organizar a 1ª Guarda de Trânsito da cidade, em 1960, montada com 50 homens licenciados do Exército em Recife para essa finalidade. Seis anos depois, com o desmembramento da Guarda Especial, fez opção pela Polícia Militar para não ter que deixar Brasília. Cidade que, nos idos de 90, cogitou sair para voltar à terra natal. “Mas minha mulher, Regina, uma baiana que fui buscar em 1962, não quis. A nossa raiz já estava tão grande que não saía assim fácil”, compara o enraizado avô de dois netos brasilienses, pai de duas filhas, também nascidas e criadas na cidade. Geraldo é um dos fundadores da Hípica e do Lions Clube



GERALDO SILVA
PENSOU EM
DEIXAR BRASÍLIA,
MAS REGINA NÃO
QUIS ABANDONAR
AS RAÍZES

“**BRASÍLIA ERA UMA GRANDE FAMÍLIA, QUE ACOLHEU TODOS OS FILHOS DO BRASIL E CONTINUA ACOLHENDO, INCLUSIVE OS MALCRIADOS**”

de Brasília, hoje Lions Clube Centro. Esses são apenas alguns dos muitos laços que o prendem à capital que viu nascer. Além disso, em 1964, Geraldo foi diretor geral do Detran-DF e membro do Conselho Nacional

de Trânsito (Contran). Em 1986, no governo de José Aparecido, como fundador e ex-prefeito de quadra (206 Sul), aprofundou ainda mais as raízes na cidade, exercendo a função de chefe da Assessoria de Apoio às Associações de Moradores do Plano Piloto (Ampla), trabalho que estimulou a criação de 30 prefeituras de quadras.

“Quem veio namorar Brasília casou. Havia amor à cidade”, diz, saudoso. “Naquele tempo, todo mundo se ajudava, tudo aqui funcionava a tempo e a hora. Brasília foi criada com um entusiasmo muito grande”, completa. “Era uma grande família, que acolheu todos os filhos do Brasil e continua acolhendo, inclusive os malcriados”, alfineta em tom de brincadeira. “Todo mundo se ajudava, indivíduos e repartições. Havia muita solidariedade”, diz Geraldo, responsável, por exemplo, pela regularização de uma carteira de motorista que tinha sido emitida no Japão. Ou pelo licenciamento de um carro do Ministério da Agricultura que

teria que passar por um demorado trâmite não fosse o espírito solidário reinante da época.

De todas as lembranças, porém, nenhuma parece ser mais forte que a do dia da inauguração. “Foi uma coisa épica, algo grandioso, extraordinário, jamais verei uma festa igual”, exulta. Na noite do dia 23 de abril de 1960, em meio a uma multidão “com mais gente de fora do que com a população daqui”, Geraldo pôde assistir a uma encenação teatral ao ar livre. Próximo à rampa do Congresso Nacional, houve a apresentação de “um show monumental” de encerramento das festividades de inauguração. Denominado *Alegoria das Três Capitais* foi montado pelo diretor teatral Chianca de Garcia. O espetáculo, segundo lembra, foi seguido de uma cachoeira de fogos de artifício que despencou majestosa do alto do 28º andar do anexo do Congresso. “O Moulin Rouge, em Paris, fica pequenininho perto daquilo”, complementa, para dar uma idéia da magnitude do evento.

Raio X

Nome:
Geraldo Silva
Idade:
76 anos
Ano que chegou a Brasília:
1960
Profissão:
Administrador e coronel reformado da PMDF
Mulher:
Regina
Filhas:
Haydée e Fernanda Maria
Netos:
Lucas e Luiza
Títulos:
Foi um dos primeiros integrantes da Guarda Especial de Brasília (GEB) e organizou a primeira Guarda de Trânsito da cidade

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavacatti, Raquel Flores Garcia e Stela Maris Zica Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL